

Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS

Centro Paula Souza

MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Percurso Histórico

Programa de História Oral na Educação

com

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica

São Paulo/SP

2020

Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista: A professora Marlene Aparecida Guiselini Benedetti, é curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Trajano Camargo, em Limeira/SP, e participou do I Encontro de Memórias e História da Educação Profissional, em 2008, com apresentação de trabalho, organizado na Cetec.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia M de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo teams

Data da entrevista: 4 de agosto de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 56 minutos e 07 segundos

Número de vídeos: um

Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 18

Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume específico para entrevistas com os curadores em centros de memória, proposto pela coordenadora de projetos Maria Lucia Mendes de Carvalho durante a pandemia do Covid 19, com teletrabalho institucional, na Cetec, e com as gravações realizadas pelo teams, com a

proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias. Na gravação aparece somente uma fotografia da entrevistadora, devido ao seu Computador pessoal Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia. A seguir, duas imagens que foram fornecidas pela entrevistada Marlene Aparecida Guiselini Benedetti, de 2010, relacionadas as festividades de comemoração do aniversário da Etec Trajano Camargo, de Limeira:



Figura 1 – Convite de comemoração dos 57 anos da Etec Trajano Camargo.



Figura 2 – Participantes na Sessão Solene de 57 anos da Etec Trajano Camargo, em 17 de maio de 2010, e alguns deles, deram depoimentos durante o evento. Na primeira fila, da esquerda para a direita, o sr. Alfredo Pezzoto (depoente), profa. Marlene Aparecida Guiselini Benedetti, sra. Ida de Souza Coelho (depoente), sra. Dora Arruda Binotti (depoente), ex-profa. Maria Negro Lencioni, sr. Trajano de Barros Camargo Filho, e na segunda fila: ex-prof. Caetano Grizzo, prof. José Henrique Heydman Jr. (diretor), ex-prof. Herly Machado de Campos, ex-diretor prof. Manoel da Silva, Carmelita de Souza Dias.

Fonte: Arquivo pessoal de Marlene Aparecida Guiselini Benedetti, em 2020.

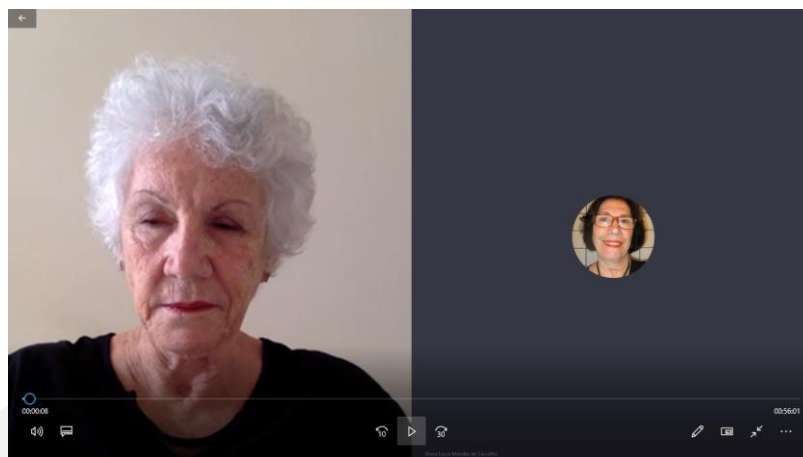


Figura 3 – Imagem das professoras Marlene Aparecida Guiselini Benedetti e Maria Lucia Mendes de Carvalho, durante entrevista em 4/8/2020.

Transcrição da entrevista

Data da transcrição da entrevista: 01 a 02 de janeiro de 2022

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC): Bom dia!

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti (MAGB): Bom dia, Maria Lucia.

MLMC: Marlene Guiselini Benedetti, hoje, que é dia 4 de agosto de 2020, eu agradeço muito você estar concedendo essa entrevista para nós do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, que vai ser inclusa no nosso programa de “História oral na educação” e “memórias do trabalho docente”. Numa época de pandemia, de isolamento, mas a tecnologia nos permite estarmos em contato, estarmos juntas, nesse período difícil que o mundo inteiro passa.

MLMC: Eu gostaria de perguntar Marlene, que você contasse um pouco da sua trajetória de vida: onde você nasceu, onde estudou, qual foi a motivação que te levou a ser professora de História e, principalmente, também desse ênfase as suas atividades no centro de memória, como é que você teve interesse pela história da escola, a ponto de criar o centro de memória, você não é só curadora do Centro de Memória da Etec Trajano Camargo, em Limeira, mas você é a protagonista de todo esse trabalho que tem sido realizado lá.

MAGB: É, eu já ia fazer uma inversão, uma subversão da ordem, eu ia começar dos dias de hoje para voltar lá trás, mas então nós não vamos curtinha e não vamos fazer uma entrevista longa, o objetivo aqui é que você disse que tinha como proposito entrevistar os curadores dos centros de memória da Paula Souza.

MAGB: Então, eu me chamo Marlene Aparecida Guiselini Benedetti. Eu nasci em Limeira, 15 de abril de 1946, portanto, 74 anos, e estudei sempre em escola pública, o grupo escolar, o instituto de educação. Fiz o Magistério muito a contragosto, mas é história de vida. Meu pai tinha morrido, eu era filha mais velha, e a minha mãe estava esperando mais um filho, o sexto filho. Aí, eu fui fazer Magistério, mas eu nunca gostei. Uma das coisas que eu não gostava no curso de Magistério, é que, eu não tenho habilidade com crianças, e o ensino é só decoreba. Você não podia deixar uma virgula fora do lugar que diminuiria a sua nota. Apesar disso, eu saí bem, ganhei até prêmio. Não cheguei nos 90, não. É que o primeiro ano eu fui muito mal, eu não gostava e não gostei, mas eu tive ótimas amigas na sala que foram ótimas professoras. Depois eu fui fazer faculdade, fiz o curso de Ciências e Letras de Rio Claro, curso de Ciências Sociais, porque era o curso possível, dentro dos meus conhecimentos. Gostei demais, aquilo abriu a minha cabeça, eu tinha 17 anos. Uma cabeça incrível, eu amei o curso de Ciências Sociais, que a gente tinha muito amor, era o Paul Singer, que morreu a questão de dois anos atrás, mas era excelente professor de Economia, não que eu tenha apreendido demais, porque acho que eu não servia muito para economia, mas ele era excelente pessoa, bem-humorado, escutava todo mundo. Assim dava umas provas difíceis, era prova com consulta, e a gente levava um monte de livros, mas se você não leu aquilo lá não adianta nada consultar. Enfim, era um amado professor, mas que teve que se acertar, como era da área de humanas, com o regime militar.

MAGB: Daí eu fui até para Rio Preto, achando que eu poderia conseguir, não para Fernandópolis, que era para frente de Rio Preto, pensando que seria mais longe desse meio, achar aulas. Eu disse que nós vamos fazer da vida, deixei passar uma oportunidade na faculdade, eu não escolhi direito, deveria ter escolhido Antropologia ou Ciências Políticas, o poder me atrai, é essa questão. E aí fui longe achando que eu conseguiria umas aulas, e de fato consegui. Era muito quente lá, não tinha internet naquele tempo, tinha curso de História e Ciências Sociais, em Rio Preto, e que é próximo a Fernandópolis. Nessas alturas eu consegui umas aulas em Araras, cidade próximo a Limeira, que eu moro aqui, né, adorei o pessoal de lá, dava aula de Geografia, imagina se a gente sabia tanta Geografia assim. Mas um pessoal maravilhoso, era escola industrial, hoje em dia é a Etec Alberto Feres, lá de Araras. Daí eu consegui vir para Limeira, não, naquele tempo eu tinha uma documentação,

nós chamávamos carteirinha, não lembro mais o nome. O seu diploma lhe dava direito de ter três matérias. O diploma tem uma coisa interessante: - Rio Claro era uma faculdade isolada, quando ela foi fazer o registro, o meu registro de Ciências Sociais está como Universidade de Campinas, ainda não era estadual de Campinas, e eu acho isso interessante. Logo depois, é que foi criada a UNICAMP, a questão de dois anos atrás fez 50 anos. Daí então, enfim, eu fico dois anos em Araras, e depois eu venho para Limeira, e eu acho que era para dar aula, e eu tenho caderno anotado quais escolas eu dei aula, quais as disciplinas, mas vamos deixar isso aqui, que eu realmente lembro que foram essas. Eu já comecei a dar aula em Magistério, dava aula de ESPB, de Educação Moral, de Estudos Sociais, e meus primeiros alunos eram apenas sete anos mais novos do que eu, então até hoje eu me recordo desses alunos, alguns eram muito legais, e eu me lembro de vários deles. Enfim, eu fiquei um tempo lá e depois começou, as aulas foram reduzindo. A gente é do tempo dos anos 70, tempo de escolas particulares, faculdade de final de semana, não era ensino remoto, eram faculdades de final de semana, eram escolas particulares e de fim de semana. E elas proliferaram, inclusive o Jarbas Passarinho devia ter alguma, e nós fomos fazer em Amparo, e eu fui fazer em Amparo, Pedagogia, e não que eu tivesse interesse. Esses cursos superiores que a gente aproveitava os currículos que a gente tinha, eles davam pontos para a gente. E a gente seguia, começando subia na carreira, mas não revertia no salário não, não era uma qualificação, era para atribuição de aula. E nós fomos fazer, a gente ia de final de semana, ia de carro, era uma turminha boa, e aprendia alguma coisa, mas esse tempo vai passar, e a questão é que eu queria prestar concurso público, fazia tempo que não tinha. Em 1980, vai ter curso público, e nessas alturas eu tive que escolher um curso de História.

MAGB: Em 1980, eu fiquei sabendo que foi recusada a minha carteirinha, ela dava permissão para lecionar, mas não dava permissão para você fazer concurso, então eu fui atrás de um curso de História. Nessa altura eu era casada e com os filhos pequenos, dava aula. A alternativa foi fazer Guaxupé, faculdade particular, lá no Sul de Minas, acho que foi um ano, um ano e pouquinho, fiz seis disciplinas só para completar currículo e enfim é o curso que me permitiu prestar concurso, eu passei muito bem, embora fizesse somente 41 dias que o meu marido tinha morrido tragicamente, eu fiz o concurso, e fui muito bem classificada, e eu escolhi aqui a escola Prof. Antonio Perches Lordello. Aquela escola, que eu fiquei 16 anos, sendo que uns anos antes, eu fui diretora, me escolheram como diretora por questões políticas. Eu dava aula no Castello Branco, onde eu sempre estudei, e o meu diretor escolheu a mim e a outra amiga também, para a gente começar uma escolinha que tinha só quatro classes de quinta série, e começamos essa escola que já era grupo, e então escola de primeiro, e depois de segundo grau, eu comecei lá. Eu fiz o possível, é que nós vamos ter me dediquei e cheguei

à conclusão, que eu não gosto dessa parte de direção: - Não, eu não gosto dessa parte de direção. Mas lá nós tivemos excelentes alunos, era uma escola de vila, mas ela sempre foi escola de qualidade. Eu e as minhas amigas fizemos uma escola de qualidade, daí ganhamos concurso, aquele tempo de ditadura, Brasil grande, essa coisa toda, existia até concurso de imposto de renda. Um que eu me lembro, foi assim: 50 anos, acho que era Revolução Constitucionalista de 1932, então aí eu li profundamente o que é, orientei os alunos, e duas alunas minhas conseguiram classificação, acho que não deve ter muita gente que participou, uma ganhou em terceiro lugar, e a outra, ganhou em primeiro lugar, fiquei feliz. Eu estava na plateia, mas a diretora ficou só com ela os louros e não chamou a professora a coitada a professora que leu o trabalho e ficou o final de semana, porque eu sempre tive bastante aulas e bastante alunos, e foi um negócio marcante, são as coisas que eu falo são importantes, as meninas escreviam bem, fizeram o que a gente foi propondo, e o trabalho ficou bom e acho que também não devia ter muitos candidatos. Então a gente ganhou alguns prêmios com os alunos. Essas alturas, passado um tempo, eu estava para me aposentar, já fazia 28 anos que eu estava no Perches e lá eu dei aula de História, só de História.

MLMC: Que ano foi isso Marlene?

MAGB: Eu comecei lá em 1980. Houve o concurso.

MLMC: Foi 2008 que você se aposentou?

MAGB: Não. Eu me aposentei em 96. Em 1996, fazia 28 anos que eu dava aula. Eu comecei em 68, no começo de 1968. E quando teve, eu estava próxima assim, e uma amiga disse: você precisa ganhar mais, com dois filhos para criar, essa coisa toda, e viúva, você precisa ganhar mais, volta e pega a aposentadoria. Naquela altura, eu estava muito infeliz, era muita aula, de manhã, a tarde e à noite, e eu tinha que levar lanche e substitui até no Cotil, eu fazia algumas coisas a mais para ganhar dinheiro, então você já viu, eu estava muito cansada. Mas eu tinha licença prêmio, essa coisa toda e fui tirando.

MAGB: Quando chegou em 94, a Paula Souza fez um concurso, eu gosto de desafio. Olha todo mundo que está lá no Trajano vai ser efetivado. Eu só estudei um pouco de legislação, porque também é outra coisa que eu não gosto, de legislação, e li alguma coisa. Eu e uma amiga fomos de ônibus para Campinas. Nossa! E, quando nós chegamos lá tinha tanta gente, era para técnico, foi o único concurso da Paula Souza, e não é muito justo esse pessoal vem de tão longe e poderia ser descentralizado, veio todo mundo para Campinas, ficou a noite

inteira andando de ônibus. Quando eu pego a prova, olha só, mas daí eu achei o caminho, passei em primeiro lugar, e a escolha naquele tempo era a escola que você queria. A Trajano perto da minha casa, e tenho uma ligação grande com o Trajano. É claro que depois de 25 anos lá eu tenho muito mais, eu comecei a dar aula lá, já era só escola técnica. Mas tinha aula de História e mais tarde que as coisas vão mudando, eu tenho no ETIM, eu dava Ética e a noite eu dava História, e a gente dava curso de Qualificação, ou seja, pegava aquilo que aparecia. Meu filho não estava aqui, estava em Londres, e o outro trabalhava em outra cidade. E eu estava aqui meio sem fazer nada. Mas um dia me apresentaram uns livros da escola, encadernados e bonitos, e eu sempre conto isso nos nossos encontros, fiquei fascinada com os livros, não entendi o que era e não sabia o que era aquilo. E aí a escola ia fazer 50 anos. Nós estamos em 2006, eu peguei aquele livro, eu não me lembro bem, a gente nem tinha caderno, que eu chamo de Diário de Bordo, caderno de pesquisa. Daí comecei a procurar alguma coisa na diretoria de serviços e resolvi fazer um texto, e eu ia mandar para a diretora ler o texto.

MLMC: Quando foi isso? Em 1985?

MAGB: Não, 2003.

MAGB: Então, eu estava no Trajano desde 1995. Me aposentei no Perches 96. Em 1995, levei as duas juntas, e em 1996, me aposentei do Perches, do estado. Aí só fiquei só no Trajano, e daí eu fiz um texto, mas eu ia dar para diretora ler, porque eu sempre achava esquisito, você faz uma festa e vai comemorar o quê? Tem que comemorar uma história e não tinha nada para comemorar. E nessas alturas o que nós vamos fazer? A diretora fala assim, eles resolveram: - a Marlene vai ver. E eu li o texto e faz uma festa e os alunos são convidados, e as autoridades, uma festa bonita, etc e tal. Falei assim: gostaram e para li e para lá. Passado uns dias, eu tenho uma aluna me traz um papel do pai dela dizendo assim: - a escola não tem só 50 anos, a escola é mais velha que meu pai, que estudou numa Escola Profissional Dr. Trajano Camargo. E se alguém na escola sabia disso, eu não sabia, nossa, e foi aquela coisa. Aí, eu fiquei com vontade de procurar e comecei a ir atrás, e então o que eu fiz? Eu falo que: - de todo o trabalho que fiz, e que eu faço com o maior carinho, e que me deu mais trabalho teórico, eu li livros de história, eu fiz pesquisa em arquivo de jornal, e não pensei naquele tempo em recorrer a internet, e eu descobri quatro depoentes. E desses depoentes, eu não tinha celular para gravar, eu não tinha gravador, aquele era tempo de fitinha, e mais tarde eu comprei uma filmadora, mas muito tempo depois, e eu fazia pesquisa lá, ele vai falando e você vai escrevendo rapidinho e eu chegava em casa e escrevia o que

eles tinham dito. E foi daí que eu consegui fazer um trabalho com imagens e com depoimentos, e digo assim: - duas coisas que eu fiquei satisfeita: - graças a dona Ida, que quando eu conversei com ela, ela estava com 89 ou 90 anos e ela morreu a cerca de três anos, com 99 anos, e por incrível que pareça ela tinha uma memória fabulosa e jogaram na escola um panfleto falando de um convite do programa de funcionamento da Escola Profissional Dr. Trajano Camargo, e lá eu vi que tinha um hino. Eu levei para a minha depoente, a dona Ida, de várias entrevistas, e por incrível que pareça, ela conseguiu lembrar a música. Pedi para o diretor Zé Henrique (José Henrique Heydman Jr.) que adora a escola e está há mais de 40 anos lá, e eu levei para o maestro do coral aqui, que colocou sonoridade naquela letra e gravou um CD, e o que decidimos fazer? Eu decidi fazer uma festa da escola, que deu um trabalho fenomenal. Isso, era no ano 2007, e um vereador ficou sabendo, e que agora é prefeito da cidade.

MLMC: Como é o nome dele?

MAGB: Mario Gotion. A gente fazia musculação juntos. E conversando, entre um exercício e outro, uns minutinhos, vai lá na Câmara Municipal tem uma sessão aberta e você vai lá apresentar o trabalho. A gente é cara de pau, a gente pega e vai, e uma sessão toda segunda feira, e eu fui lá, e o pessoal gostou. E quando o aniversário da escola, dia 17 de maio, dia da escola, eu fiz uma festa que ficou uma festa bonita. Ficou uma festa bonita, porque: - Tinha quatro depoentes e três estavam presentes, e aí. O coral estava magnífico e a escola estava enfeitada. Eu mandei fazer até roupa longa, imagina só, e eu era bem mais nova.

MLMC: Tem fotografias dessa época Marlene?

MAGB: Eu tenho e capaz de ter até alguma coisa gravada, viu.

MLMC: Eu vou te pedir uma fotografia desse evento para colocar junto com esse documento de registro da entrevista

MAGB: Essa aí eu devo ter fácil aqui em casa. Eu tenho os depoentes e eu falo assim: eu tive que fazer uma correção outro dia, ela foi criada em 34, e começou a funcionar em 34. Mas a gente pelo fato do ano letivo começava no início do ano, eu achei que tinha o livro de 36, 37, 38 e 39. Eu não tinha o livro de 35, e esse eu não tenho, ele deve ter sumido. Eu achei que era o ano de 35, mas depois, com depoente falando era 35, mas eles eram crianças e já tinha 80 anos, não lembrava se era competente, não lembrava se era bem-vestida, que eles

adoravam a escola, que mais gente tinha uma classe social melhor que a deles que também frequentava a escola. Então eu tive essas lembranças e daí eu fiz uma história e isso eu acho uma coisa fabulosa e fabulosa inclusive por causa do hino. Passados anos, esqueci de falar de 2003 a 2006, não fiz nada, dei minhas aulas. Em 2006, o Zé Henrique, diretor, disse: está na hora de você escrever essa história. Ele é da área de Engenharia Mecânica e acha que é fácil. Está na hora de você voltar escrever a história da escola, então ele não sabe a dura que é fazer pesquisa em história, na Trajano falta dados de livro de matrículas, por exemplo: - a Júlia de Jacareí tem, a Joana tem lá em Franca, eu não tenho livros de diplomas, mas o Trajano não tem, tem muitas falhas. E então eu comecei a pensar e a escrever, e aí você assumiu, acho que em 2008, você assumiu essa parte do Paula Souza. Porque antes, eu conhecia a Júlia Faliveni durante dez anos, eu ia mensalmente a São Paulo fazer curso, eu convivi com a Júlia é uma pessoa ótima, que irá fazer muita falta, muita inspiradora, que vai fazer muita falta, uma pessoa tranquila, amiga. Eu já tinha uma identificação com o Trajano, que é perto da minha casa, a família morou aqui perto de mim, os meus irmãos estudaram na escola, os parentes estudaram na escola. É uma escola imponente, quer dizer: - ela é visível, a conclusão dela foi em 1970, total. Então eu tenho uma ligação afetiva com a escola, então eu resolvi fazer parte desse clube de memórias. Professor de História gosta de velharia, gosta de acumular e daí ficou nesse tempo. Mas juntando uma coisa com a outra, e no final de 2015, consegui uma salinha de 22 m² no andar superior, bem no meio da escola, E daí você colocar, pega os troféus, o que mais tem são os troféus esportivos, que a gente leva, de Química não são muitos aparelhos, pego inclusive coisas do lixão, daquele material que era para ser leiloada, faz uns dez anos, nunca foi, e não foi leiloado, hoje em dia deve ter virado pó, enfim, você juntou material, mas a sala não comporta mais coisa. E seria para fazer as fotografias, mas eu já pedi material, inclusive para assessoria, que não tinha o centro de memória e você viu que estava tudo aqui em casa, quando você veio, numas caixas, e a gente faz de modo bem precário utilizando os alunos.

MLMC: Marlene, tem que deixar esse registro, eu lembro que estive em 2015, inclusive você gentilmente, me deixou ficar na sua casa, e eu adorei, porque eu iria conhecer essa documentação que você conseguiu receber durante as entrevistas, quer dizer, que são arquivos pessoais, que você teve acesso por causa de todo esse trabalho que você realizou. É, importante ficar esse registro.

MAGB: Em 2016, daí você estimulou e vamos fazer e então vamos fazer. Tem horas que a gente precisa de uns estímulos e motivação, E aí a escola faz anualmente uma Feira de Tecnologia e então eu resolvi, então vamos fazer a inauguração: - olha um sucesso. Tem

umas fotos em álbuns, e os visitantes têm uma atração por tudo que funciona, eu tenho projetor de slides e tem os alunos da Fran que foram organizando. Enfim, abrimos o centro de memória e depois a gente vai organizando e vai aprendendo, daí sim, a partir de 2009 começamos com as HAE do Centro Paula Souza. Antes disso, eu fiz tudo por conta própria, não, eu tinha 2,5 h que a escola dava para mim, a título de contribuição, então começamos de modo mais sistemático. Chega um ponto que você fala assim: - o que você faz com o centro de memória? - Eu já orientei ex-alunos nossos que faziam faculdade, usando o centro de memória; eu já fiz alunos meus no caso monitores de História, a fazer sobre os troféus da educação física durante o regime militar. Eu participo de alguma coisa motivada pela Maria Lucia, eu não sou uma Júlia na vida, a Júlia Naomi. Eu participei de semanas de museu, esse ano, no ano passado e três vezes. E esse ano eu resolvi, porque estávamos com pandemia, e eu resolvi fazer um vídeo, eu fiz uns slides e fiz a biografia que eu já tinha comentado, da esposa do Dr. Trajano, a dona Maria Teresa Trajano Camargo, quem foi ela? Ela foi prefeita de Limeira, de 1934-5, em 1935 ela foi deputada estadual, duas únicas mulheres, por coincidência duas Maria Teresa, a outra era de Campinas, até o golpe de Vargas que criou o Estado Novo, ele acabou com as Assembleias Legislativas e colocou os interventores, ela era quase a embaixatriz da cidade e ela recebia empresários e políticos e que frequentavam a casa dela, aqui a chácara, e em São Paulo, a casa dela na avenida Brasil. Então eu fiz os slides e a biografia e os alunos, um colocou em vídeo e a outra narrou. E o que eu tenho feito, eu agora tenho gerido um outro vídeo e agora vamos fazer do Dr. Trajano, um vídeo com música e narrativa, e aumentei uma biografia. O ano passado, nós pudemos fazer trabalho sobre o patrono da escola, e eu fiz do Dr. Trajano, peguei na Câmara Municipal um pouco do viés político dele, e tinha um conteúdo maior para colocar na biografia dele, foi o que foi feito. E o que eu tenho feito? – Eu agora uma outra coisa que eu descobri, faz algum tempo, e tudo isso está relacionado a pesquisa de memórias e história educativa do Trajano, e eu falei assim: - esses alunos vem para cá e eles não sabe quem foi Trajano Camargo? Não, não sei. Uma porque é novo, outra porque não conhece a história da cidade, pois Trajano Camargo aqui é nome de rua e central, é um empresário de indústria de máquinas aqui, pioneiro da indústria de máquinas, hipervalorizado. Os mais velhos, não há como não conhecer, mas os mais novos não conhecem. Então eu resolvi fazer uns slides para apresentar a esses alunos. O que a gente tem no centro de memória e quem foram eles? A Maria Teresa que criou a Escola Profissional, enquanto prefeita da cidade, em setembro de 1934, e o nome Dr. Trajano, um nome muito adequado, porque era uma escola profissional, e a escola naquele tempo era municipal. E deve ter sido a Máquinas São Paulo, depois foi gerenciado pela dona Maria Teresa com um filho, por quase quinze anos, por que ela deve ter doado as máquinas de costura, os tornos, ou seja, patrocinado essa escola. Voltando lá, eu faço uma apresentação

de slides e com isso eu desperto mais o interesse deles pela história da escola. Esse ano, por causa da pandemia, nós fizemos umas tantas coisas.

MLMC: Marlene vou fazer uma interrupção agora, eu gostaria que você contasse um pouco das suas práticas com os estudantes, porque eu acho muito interessante o trabalho que você faz envolvendo os seus alunos, a ponto de nós termos estudantes que se formaram historiadores e estão na área de arquivologia, então eu gostaria que você deixasse registrado a importância desses alunos

MAGB: Olha Maria Lucia, eu nem sei, eu tenho uma filosofia, que é assim: - faça o melhor que você possa, tem horas que a gente faz aquilo que é para gente e não para o outro, aquilo que lhe dá satisfação. Eu sou uma das mais velhas do Centro Paula Souza, 74 anos, 52 de magistério, desses 52, onze meses como diretora de uma escola pequeninha, dois anos como coordenadora do curso noturno lá no Perches Cordeiro, eu só gosto de ser professora, e nunca quis ser professora. Eu demorei um bom tempo para aceitar esse fato, e eu gosto dos meus alunos. E eles sabem que eu faço uma série de coisas para eles, eu olho nos olhos deles e sou muito de cutucar, eu já tentei várias técnicas: - já fiz trabalho em grupo, já dei aula com música clássica de fundo, eu faço prova em dupla, mas no fundo eu pego documento do tempo, e vou fazendo, faço os alunos fazerem slides e fazerem apresentação. Eu acho que eu motivo, e a minha voz e o meu temperamento, eles não convidam a dormir, certo. Então os alunos ficam mais atentos, e eu estou sempre no meio deles, inclusive me comunico com ex-alunos, que fez História ou não. Eu acho que não é uma experiência que você passa para os outros, mas eu digo assim: - eu adoro História e agora eu estou amando ouvir, aprendendo e reciclando e vou passar para eles: - aulas USP, que tem no Youtube, cada professor maravilhoso, estou aprendendo, separo uns trechinhos, e eu chamo todo mundo para as aulas remoto, boto um trequinho, paro e eu explico. Enfim, eu não sei, agora a coisa é desse jeito, sabe, sei lá

MLMC: Marlene conte um pouco também da sua experiência dentro do grupo, o que que você acha do GEPEMHEP? Das propostas que existem? E o que poderia ser melhorado?

MAGB: Essa aí, você não me deu chance e não deixou nenhuma pergunta antes, agora fica difícil, mas a gente sempre tem ideia de alguma coisa. Claro que com o tempo a gente vai fazendo um círculo de amizades, sinceramente não dá para agradar todo mundo. Eu considero assim: - eu sou professora, tenho mais de 400 alunos, já tive mais de 500, e eu sou professora em primeiro lugar e isso me toma tempo, muito tempo. Agora é muito registro,

muito registro. Mas o que é bom, tem aquele outro lado, professora-pesquisadora, eu acho que isso é motivador, sabe porque: - você está criando e você não está criando uma metodologia, eu acho muito bom esse espaço de criação. Não sei se agora, eu ainda teria alguma coisa de Trajano. Parece que esgotou o assunto, o que tem de Trajano Camargo para falar, quer dizer a gente procurando acha. De momento, eu não sei, talvez escrever alguma coisa sobre o curso feminino, que começou em 1960.

MLMC: Agora tem o museu virtual e que nós temos agora que terminá-lo.

MAGB: Esse museu virtual, vamos ver o que vai sair, aí. Mas sei lá, eu gosto do Clube de Memórias? Eu gosto, obriga a gente a fazer leituras, tem horas que eu não gosto de leitura. Eu gosto de ler livros de história, e gosto de ler como se fosse um romance, eu não gosto de metodologia, mas enfim eu gosto de fazer entrevistas. Eu acho que eu fiz umas vinte, e tem umas que tem horas que não são entrevistas e parecem bate papo, eu sou muito abelhuda e eu entro muito na conversa, discuto, entendeu. Mas enfim, elas me ajudaram de sobremaneira a escrever a história, porque não tem tantos objetos e nem tanta documentação. Então o que é bom no Clube de Memórias? Eu acho ele é muito motivador. Você na qualidade de coordenadora você motiva a fazer leitura, você procura, você propõe um tema, e a gente vai atrás do tema e depois apresenta. Isso é que é bom, a gente sente gratificada, depois a anos, a Paula Souza tem a publicação, ela é que tem a publicação de livros, e você atrai gente de outros lugares. Eu na verdade, eu sempre gostei de conhecimento, eu sempre gostei de saber, talvez não seja tanta curiosidade, mas eu gosto de saber, eu gosto de conhecer. Eu acho que é isto e, também ficou feliz com a realização dos outros. Aquele que não sabia fazer um trabalho e fez. Então eu acho que a gente tem que ser motivadora e um ajuda o outro, e eu digo: - tem que se sentir reconhecido, recompensado, eu acho que são coisas básicas na profissão. Mas eu não tenho muitos alunos que queiram ser professor. Os meus alunos me chamam de professora ou pelo nome, Marlene, nada de dona Marlene. Eles dizem assim: para aguentar o que vocês aguentam, porque não é fácil. Eu digo que professor tem que ser resiliente, você levanta a cara, levanta e cai e vai para frente, e você acha que faz alguma diferença na vida deles, ou em termos de conhecimento ou em termos de valor ou em termos de interesse.

MLMC: Com certeza a gente faz diferença na vida de algumas pessoas, lcomo alguns professores fizeram na nossa vida, você começou a entrevista citando alguns professores. Ainda bem que isso recompensa muito.

MAGB: A gente sabe, que a gente não é amada por todos, mas não tem importância, você faz aquilo que você acha que tem que fazer. E eu na profissão, eu tive muito reconhecimento, eu já fui homenageada mais do que uma vez na escola, já fui homenageada na Câmara Municipal.

MLMC: Já foi homenageada pelo GEPEMHEP.

MAGB: Depois disso a vida não foi mais a mesma (risos), foi em 2016. Eu recebi um prêmio importante, o Fumagali. Eu fui escolhida como a professora do Ensino Médio do ano pelo Trajano, isso em 2005. Então eu já tive comemoração interna e externa em termos de profissão. Essa parte aí é resolvida. Não sei o trabalho é tanto de qualidade, mas alguns são escolhidos para fazer publicações nos livros, a gente faz e eu teria coisas para aprender, eu não sei fazer banners. Eu falei Júlia, você me ensina, e ela disse: ensino. Eu gostaria de aprender a fazer edição de vídeos. Tem tanta coisa que acontece que a gente nem sabe.

MLMC: Marlene, você está dando ideia para os próximos clubes de memória, com toda essa mudança tecnológica, eu acho que para o ano que vem, a gente pode propor isso nos Clubes de Memórias, e dar uma repaginada nos tempos que estamos vivendo agora.

MAGB: Eu acho que a gente poderia fazer alguns registros, o que nós estamos aprendendo? Nós nos superamos. Se tudo voltar à normalidade, e eu espero que sim. O que nós estamos aprendendo, nós estamos aprendendo essa coisa de tecnologia. Nós estamos por conta de NSA, eu tive que comprar outro computador, tenho dois agora.

MLMC: O que é NSA?

MAGB: Ele tem um nome, é um sistema onde a gente marca presença e nota dos alunos e que nós fazemos registros dos alunos, não são todas as escolas da Paula Souza. Nós fazemos aqui há uns cinco anos, onde a gente marca a frequência dos alunos. Você poderia fazer para o grupo, propor: - o que foi mais marcante nesse ano para você, profissionalmente e pessoalmente, como você se sentiu? Eu acho que é uma boa temática. O ser humano vai continuar sendo os mesmos, mas as práticas da gente elas mudam. Se voltar, e voltar tudo pessoalmente: - a gente vai continuar a ter acesso ao Teams, essa ferramenta tem hora que dificulta, mas tem horas que ela ajuda.

MLMC: Nós não vamos voltar os mesmos. Esse emprego da tecnologia já era necessário, e eu acho que daqui para frente vai ser híbrido, e isso vai resolver vários problemas de transporte, de espaço na escola, e o aluno vai ser tornar autônomo e o professor tem que ser pesquisador, eu acho que várias coisas vão mudar e nós vamos nos adaptar e vamos aprender e vamos propor coisas.

MAGB: Eu pergunto vocês estão aprendendo. Eu imagino assim, mas eu nem vou comentar sobre o que eu penso do ensino remoto, acho que ele tem mais acesso a material, e se ele lê é outros 500, passo texto, coloco vídeo e ele não vai ver. Deu trabalho para achar esse vídeo, quantos minutos eu tenho que colocar isso aqui. Ele está tendo mais autonomia, e isso é uma coisa que eu sempre debati, e ele gerencia o seu tempo e o seu conhecimento. Nessa semana, já saiu que o estado de São Paulo vai fazer uma mudança no ensino.

MLMC: Marlene, para ser autor, é uma atividade solitária. Por isso que eu acho, que nesse período, o aluno também está aprendendo a criar um espaço, que o coletivo é fundamental, mas o espaço individual, ter método de trabalho, ter disciplina, é fundamental para a aprendizagem. Eu acho que muitos alunos vão se embrenhar nesse caminho e daí vai ter um crescimento.

MAGB: A gente tem alunos de primeiro a terceiro anos, e então a gente nota que os alunos de terceiro ano, eles têm mais compromisso. Eles que pretendem entrar em uma faculdade, eles sabem que a gente aprende com ex-alunos. É você que tem que fazer isso, não é o professor. Ninguém vai falar: o rapaz, você fez a prova? Ninguém vai falar você vai fazer o seminário? Não sai perguntando você tem essas faltas? O aluno de terceiro ano, ele é que tem que ter autodisciplina, o de primeiro ano fica meio perdido, nos nem conhecemos os alunos do primeiro ano, e nós não temos ???, eu só sei a cara deles, quando eu vejo os poucos que entram. Eu acho que é isso aí, eu não sei se está a contento.

MLMC: Marlene, a nossa intenção era fazer uma entrevista em torno de 50 a uma hora no máximo, porque você sabe que depois levamos mais de um dia para transcrevê-la. Eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você ter concedido essa entrevista para nós, eu vou transcrevê-la, vou lhe encaminhar os termos de autorização de imagens, para nós pudermos disponibilizar depois essa entrevista no nosso site de memórias e espero contar com você para dar continuidade nas próximas entrevistas.

MAGB: Ok, Maria Lucia.

MLMC: Muito obrigada Marlene.

MAGB: Bom dia.

MLMC: Bom dia.

Descritores

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Curadora

Centro de memória

Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Maria Lucia Mendes de Carvalho

História

Geografia

Ciências Sociais

Pedagogia

Etec Trajano Camargo

Escola Profissional Dr. Trajano Camargo

Alfredo Pezzoto

Ida de Souza Coelho

Dora Arruda Binotti

Maria Negro Lencioni

Trajano de Barros Camargo Filho

Caetano Grizzo

José Henrique Heydman Jr.

Herly Machado de Campos

Manoel da Silva

Carmelita de Souza Dias.

Arquivo pessoal

Arquivo de jornal

Maria Teresa Trajano Camargo

Máquinas de Costura

Tornos

Projektor de slides

Patrono

Feira Tecnológica

Homenagem

NSA

Pandemia

Ensino Híbrido

Teams

Projektor de slides

Dados Biográficos da Entrevistada



Marlene Aparecida Guiselini Benedetti. Nasceu em 15 de abril de 1946, em Limeira/SP. Fez Educação básica: o primário (1^a. a 4^a. série) no Grupo Escolar Cel. Flamínio Ferreira de Camargo e o ginásio (5^a. a 8^a. séries) no Instituto de Educação Castello Branco; magistério ou curso normal na mesma instituição. Curso superior: Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (atual UNESP); História na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (MG); Estudos Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ouro Fino (MG). Quanto a trajetória profissional: Foi professora de 1^o. e 2^o. graus na rede estadual: início, em 1968, em Araras, no Ginásio Industrial Estadual Alberto Feres e, a partir de 1970, em Limeira, nas atuais escolas estaduais: Castello Branco, Prof. Nestor Martins Lino, Profa. Ruth Ramos Cappi, Prof. Lázaro Duarte do Páteo, Prof. Antonio Perches Lordello. Exerceu, durante um ano o cargo de diretora e, por dois anos, o de coordenadora de projeto de reestruturação do curso noturno, no Perches Lordello. Em 1995, começou a

lecionar na Etec Trajano Camargo. Desde 2008, tem realizado pesquisas sobre a história da escola Trajano Camargo. Faz parte do GEPEMHEP - Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza.

Dados Biográficos da Entrevistadora



Fotografia: self celular, em 2/7/2021

Maria Lucia Mendes de Carvalho tem pós-doutorado em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017) e Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), e os e-books

História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Endereço na plataforma lattes

<http://lattes.cnpq.br/2330225376519419>

Anexos (esses documentos são sigilosos e não ficarão abertos online ao público):

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Termo de Autorização para uso de Imagem de Marlene Aparecida Guiselini Benedetti

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Marlene Aparecida Guiselini Benedetti